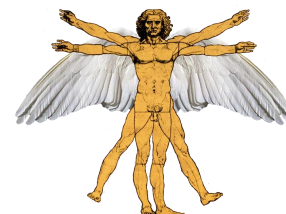


ÍCARO

INTERDISCIPLINARIDADE, CRÍTICA AO AUTORITARISMO, REGIONALIDADE E ORALIDADE

RESUMO: O Grupo de Pesquisa **Interdisciplinaridade, Crítica ao Autoritarismo, Regionalidade e Oralidade – ÍCARO** - visa refletir aspectos relacionados ao processo de Formação Cultural. Amparando-se nas abordagens propostas pela Literatura Comparada e da Teoria Crítica da Sociedade, há o interesse em discutir as manifestações literárias em consonância com uma consciência crítica atenta aos paradoxos presentes nas trocas culturais. Para tanto, é importante levar em consideração as diversas diásporas na perspectiva do *sujeito migrante* que são constantemente permeadas pelas relações de poder. Dessa forma, serão levadas em consideração as marcas de oralidade presentes nessas produções e a importância das mesmas para as diversas identidades mantida pela tradição.

PALAVRAS-CHAVE: Formação Cultural – crítica - regionalidade



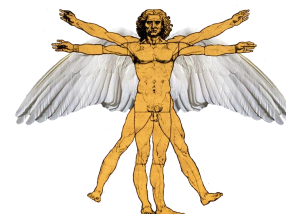
INTRODUÇÃO

O grupo de pesquisa ÍCARO tem por objetivo principal refletir sobre a Formação Cultural a partir das experiências regionais e de sua relação com outras culturas e das aproximações/afastamentos existentes no pensar questões como identidade-identificação, igualdade e diferença. As questões principais a serem desenvolvidas através de atividades de pesquisa e extensão podem ser percebidas por meio das iniciais das palavras que compõem o nome do grupo: Interdisciplinaridade (perspectiva fundamental de trabalho em Literatura Comparada), Crítica ao Autoritarismo (evidenciada pela abordagem da Teoria Crítica da Sociedade), Regionalidade e Oralidade (conceitos relevantes para reflexão acerca do sentido expressivo da *Bildung*).

As repercussões dessas atividades poderão ser percebidas através da implantação de projetos voltados para a necessidade crescente de pesquisa na área dos estudos literários, com ênfase nas questões regionais. As atividades do grupo englobam a atuação de pesquisadores de outras instituições de ensino que se identificam com as propostas discutidas, caracterizando-se, assim, como um grupo interinstitucional. Inicialmente, o Grupo de Pesquisa ÍCARO esteve credenciado junto a Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – Campus de Três Lagoas – UFMS/CPTL no período de 2007 (ano de sua criação) até o ano de 2010 (quando foi vinculado a Universidade Federal de Pelotas – UFPel).

Além das reuniões e discussões teóricas realizadas visando aprofundar as pesquisas iniciadas em 2007, o grupo participou da organização do ***Congresso Internacional de Estudos Literários e Lingüísticos - CIELL - Considerações sobre a experiência, na UFMS/CPTL***, com recursos do CNPq e desenvolveu um minicurso junto ao evento do curso de História da UFMS/CPTL. Seus integrantes participaram de vários eventos com apresentação de trabalhos, destaque para o XI Congresso Internacional da ABRALIC e a aprovação de comunicações e painéis no II Seminário da América Platina.

Durante o ano de 2009 e 2010, os pesquisadores e estudantes ligados ao Grupo de Pesquisa participaram de eventos regionais, nacionais e internacionais. Também houve a



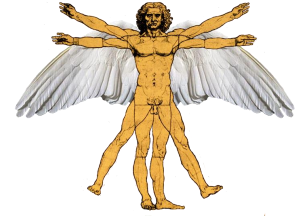
orientação/defesa de monografias de especialização e dissertações de mestrado nesse período.

O Grupo de Pesquisa ÍCARO também une esforços com outros grupos de pesquisa (GRPesq Literatura e Autoritarismo – UFSM - e GRPesq Formação Cultural, Hermenêutica e Educação - UFSM) visando qualificar os trabalhos desenvolvidos e colaborar com a produção da pesquisa no âmbito dos Estudos Literários.

FUNDAMENTAÇÃO

A alegoria apresentada, construída por meio da palavra formada das iniciais do nome do Grupo de Pesquisa e da imagem elaborada a partir do desenho de Leonardo da Vinci do *homem vitruviano*¹ dotando-o de asas, procura discutir questões relacionadas à formação histórica e cultural com base nas manifestações literárias. Assim, a menção à personagem mitológica de ICARO ganha mais um componente: se o alerta dado por Dédalos a Ícaro quando do seu vôo para fugir do labirinto do Minotauro pode ser interpretado como um ensinamento sobre os limites humanos e da necessidade de reprimir seus desejos em prol da autoconservação, a presença do desenho de da Vinci – inserido em um contexto de resgate da cultura helenística grega e de exaltação do potencial humano – procura alertar também para os limites da ciência. A não observação desse alerta, de

¹ O **homem vitruviano** (ou **homem de Vitrúvio**) é um conceito apresentado na obra *Os dez livros da Arquitetura*, escrita pelo arquiteto romano Marco Vitrúvio Polião. Tal conceito é considerado um *cânone das proporções do corpo humano*, segundo um determinado raciocínio matemático e baseando-se, em parte, na divina proporção. Desta forma, o homem descrito por Vitrúvio apresenta-se como um modelo ideal para o ser humano, cujas proporções são perfeitas, segundo o ideal clássico de beleza. Originalmente, Vitrúvio apresentou o cânone tanto de forma textual (descrevendo cada proporção e suas relações) quanto através de desenhos. Porém, à medida que os documentos originais perdiam-se e a obra passava a ser copiada durante a Idade Média, a descrição gráfica se perdeu. Desta forma, com a redescoberta dos textos clássicos durante o Renascimento, uma série de artistas, arquitetos e tratadistas dispuseram-se a interpretar os textos vitruvianos a fim de produzir novas representações gráficas. Dentre elas, a mais famosa e (hoje) difundida é a de Leonardo da Vinci.



acordo com Adorno e Horkheimer², pode também se constituir em um mito, em um dogmatismo que descamba para uma *racionalidade instrumental*.

Essa articulação entre literatura, história, sociedade, cultura e ideologia é fundamentada por meio de uma reflexão interdisciplinar. Salienta-se, dessa forma, que a **Interdisciplinaridade** é a principal proposta da literatura comparada na atualidade, visto que os estudos comparatistas se constituem em “uma prática intelectual que, sem deixar de ter no literário o seu objeto, confronta-o com outras formas de expressão cultural. É, portanto, um procedimento, uma maneira específica de interrogar os textos literários não como sistemas fechados em si mesmos, mas em sua interação com outros textos, literários ou não”³.

Tal processo de interação também se sustenta nos pressupostos bakhtinianos de que os pontos de vista criadores só são necessários e indispensáveis quando se relacionam com outros, pois fora da sua participação na unidade da cultura, determinado ponto de vista criador pode ser caracterizado como arbitrário, visto que todo “o ato cultural vive por essência sobre fronteiras: nisso está sua seriedade e importância; abstraído da fronteira, ele perde terreno, torna-se vazio, pretensioso, degenera e morre”⁴.

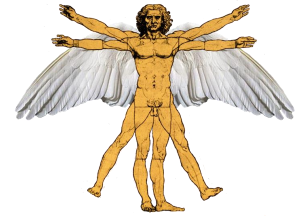
Essa perspectiva encontra sustentação no conceito de Alegoria proposto por Walter Benjamin, na terceira parte da **Origem do drama barroco alemão**⁵, que visa exatamente romper com um conceito de símbolo que erroneamente aponta para a dissociabilidade entre forma e conteúdo e “passa a funcionar como uma legitimação

² Na **Dialética do Esclarecimento** (3. ed. Tradução: Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Zahar, 1991), Adorno e Horkheimer discutem o conceito de esclarecimento e a sua aplicação por parte de uma visão científica que se caracteriza como uma ilusão que mascara a própria realidade em nome de um ideal de dominação. “O que os homens querem aprender da natureza é como empregá-la para dominar completamente a ela e os homens. Nada mais importa. (...) O que importa não é aquela satisfação que, para os homens, se chama ‘verdade’, mas a ‘operation’, o procedimento eficaz. (...) Nenhuma distinção deve haver entre o animal e o totêmico, os sonhos do visionário e a Idéia absoluta. No trajeto para a ciência moderna, os homens renunciaram ao sentido e substituíram o conceito pela fórmula, a causa pela regra e pela probabilidade.” (p. 20-21).

³ CARVALHAL, Tânia Franco. **O Próprio e o Alheio**. São Leopoldo: Unisinos, 2003. p. 48.

⁴ BAKHTIN, Mikhail. **Questões de Literatura e Estética**. 3. ed. São Paulo: UNESP, 1993. p. 29-31.

⁵ BENJAMIN Walter, **Origem do drama barroco alemão**. Tradução, apresentação e notas: Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1984.



filosófica da impotência crítica, que por falta de rigor dialético perde de vista o conteúdo, na análise formal, e a forma, na estética do conteúdo.”⁶.

Apresentando a apoteose barroca como dialética, o autor enfatiza que o conceito de alegoria foi desenvolvido no classicismo em contrapartida ao conceito profano de símbolo, pois o “pensamento alegórico do século XVIII era tão alheio à expressão alegórica original, que as poucas tentativas isoladas de tratar teoricamente o tema são desprovidas de qualquer valor para a investigação, e por isso mesmo são ilustrativas da profundidade do antagonismo.”⁷.

Tentando realizar uma abordagem *esquemática* para a relação entre o símbolo e a alegoria, Benjamin recorre à noção de tempo, na face da história que se apresenta como uma caveira, o sentido da morte, do sofrimento, não havendo nenhuma liberdade simbólica de expressão, nada de humano, afirmando que é através disso que a história “exprime, não somente a existência humana em geral, mas, de modo altamente expressivo, e sob a forma de um enigma, a história biográfica de um indivíduo.”⁸. Reside nisso, então, o fundamento básico da visão alegórica: a significação e a sua relação com a sujeição à morte, destacando que a natureza sempre esteve sujeita à morte e, portanto, sempre foi alegórica, pois a “significação e a morte amadureceram juntas no curso do desenvolvimento histórico”⁹.

Uma abordagem filosófica sobre a mortificação das obras não como “um despertar da consciência nas que estão vivas, mas uma instalação do saber nas que estão mortas”, abre caminho para a afirmação de que a “beleza que dura é um objeto do saber”¹⁰. Fazendo uma relação entre a filosofia e a ciência, Benjamin diz que a “filosofia não deve duvidar do seu poder de despertar a beleza adormecida na obra. (...) O objeto da crítica filosófica é mostrar que a função da forma artística é converter em conteúdos de verdade,

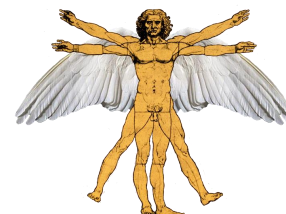
⁶ Ibidem. p. 182.

⁷ Ibidem. p. 183.

⁸ Ibidem. p. 188.

⁹ Ibidem. p. 188.

¹⁰ Ibidem. p. 204.



de caráter filosófico, os conteúdos factuais, de caráter histórico, que estão na raiz de todas as obras significativas.”¹¹.

Sendo a alegoria o único divertimento a que o melancólico se permite, a fragmentação é um elemento presente nessa leitura, nessa abordagem invasiva e sádica sobre o objeto, tendo em vista que é através da estrutura alegórica que os fragmentos são percebidos. E essa estrutura alegórica se alinha com a percepção de que a história é, antes de tudo, uma construção, uma elaboração do passado através de uma reminiscência, da constatação da temporalidade, da finitude, da morte dando sentido à vida, visto que o “dom de despertar no passado as centelhas da esperança é privilégio exclusivo do historiador convencido de que também os mortos não estarão em segurança se o inimigo vencer. E esse inimigo não tem cessado de vencer.”¹²

A necessidade de perceber o inimigo e combatê-lo não com suas armas, mas sim, derrotá-lo ao negar o seu emprego é o desafio da **Crítica ao Autoritarismo** presente nesta proposta. Dessa forma, a censura, segundo Candido, surge no campo da linguagem como um elemento autoritário que sustenta outras formas de opressão:

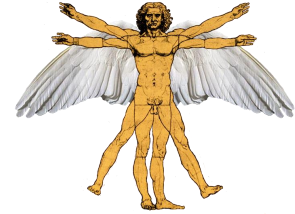
Há certas expressões significativas: “O fato é homem e a palavra é mulher; um homem vale vinte mulheres”; ou: “Contra fato não há argumento”. Elas querem dizer que, diante da evidência do real, não cabem as argumentações abstratas em contrário, o que em princípio parece estar certo. Mas, na verdade, significam também coisas como “o que vale é a força” ou “idéia não resolve”. Assim, pregam o reconhecimento do fato consumado, a capitulação diante do que se impôs no terreno “prático”, negando o direito de discutir, de argumentar para mudar a realidade.¹³

A preocupação de Theodor Adorno de que a barbárie dos campos de concentração nazistas esteja calcada no próprio princípio da civilização, ao contrário de apontar soluções imediatas, traz algo de desesperador. A plenitude de um processo educacional deveria caminhar no sentido de dissuadir os homens de atacarem uns aos

¹¹ Ibidem. p. 204.

¹² BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito da história. In: _____. **Magia e técnica, arte e política**. 2. ed. Tradução: Paulo Sérgio Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1986. p. 224-225.

¹³ CANDIDO, Antonio. Censura-violência. In: _____. **Recortes**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. p. 205-206.



outros, de buscarem alternativas para a coexistência, rejeitando as “tendências desagregadoras”¹⁴ presentes em uma ilusão de consciência coletiva e alienante. Assim, “omitir-se da confrontação com o horror (...) é mais uma fonte de risco de uma repetição do já houve”¹⁵.

Da censura ao campo de concentração não existe uma distância tão grande assim, visto que o processo de apagamento do sujeito na coletividade é sustentado pelas impossibilidades de expressão humanizadoras em uma realidade autoritária em sua estrutura. Os aspectos ideológicos são sustentados pelo signo lingüístico, mas, ainda conforme Bakhtin, tal entendimento não deve ser tratado sob uma perspectiva reducionista visto que cada signo ideológico “é não apenas um reflexo, uma sombra da realidade, mas também um fragmento material dessa realidade”¹⁶.

Adorno preocupa-se, então, com os “jargões” ou “clichês” que permeiam a linguagem apenas para comprometerem suas bases em prol de conceitos precários/comuns que são apropriados por pessoas que conhecem superficialmente determinado assunto ou ramo do conhecimento. Tal elaboração visa apenas proteger aquele que os utiliza de emitir opiniões e pareceres sobre o que não conhece, através de relações simples e objetivas, exercendo uma força coercitiva na sociedade. O jargão da autenticidade procura legitimar o absurdo da opressão através de *conceitos* como *missão*, constituindo uma fala apelativa sem interpelação racional. “En el mundo universalmente mediado, toda experiencia primaria está culturalmente preformada”¹⁷, essa afirmação de Adorno expõe toda uma preocupação com a impossibilidade de debater conceitos essenciais como liberdade, autonomia, democracia, entre outros.

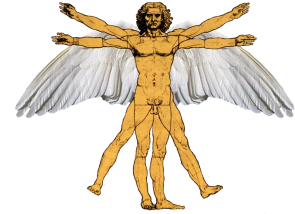
O cuidado para que a literatura, como obra de arte, não recorra a esses clichês totalizantes, visto que “Arte não significa aguçar alternativa, e sim, através simplesmente de sua configuração, resistir à roda viva que sempre de novo está a mirar o peito dos

¹⁴ ADORNO, Theodor, Educação após Auschwitz. In: _____. **Sociologia**. São Paulo: Ática, 1986. p .35.

¹⁵ Ibidem. p . 37.

¹⁶ BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 9. ed. São Paulo: Hucitec, 1999. p. 33.

¹⁷ ADORNO, Theodor. **La ideología como lenguaje**. Versión castellana: Justo Pérez Corral. 2. ed. Madrid: Taurus, 1982. p. 77.



homens”¹⁸, é o desafio proposto a partir das reflexões produzidas pelas pesquisas associadas a esse projeto.

Dessa forma, ao pensar **Regionalidade** ao invés de regionalismo, há o interesse em articular uma reflexão não restrita a uma busca identitária que, segundo Zilá Bernd, pode se caracterizar em etnocentrismo, visto se tratar “de um conceito traiçoeiro na medida em que ele pode transformar-se em um conceito de circunscrição da realidade a um único quadro de referências”¹⁹. Essas considerações não procuram romper com o conceito de identidade ou com o reconhecimento do valor do regionalismo como responsável por “resguardar um importante conjunto de valores literários e de tradições locais”²⁰. Todavia, isso não pode ser empecilho para a reflexão crítica, e questões como *identidade regional*, *valores culturais* e *tradição* necessitam serem tratadas à luz de suas contradições. Segundo Rama, o confronto da tradição com o novo, do regional com o universal:

gera em primeiro lugar uma retirada defensiva, um mergulho protetor no seio da cultura regional e materna, com um premente apelo a suas fontes nutritivas, mas também com o desejo de reexaminar de forma crítica suas condições peculiares, as forças de que dispõe, a viabilidade dos valores aceitos sem análise, a autenticidade de seus recursos expressivos.²¹

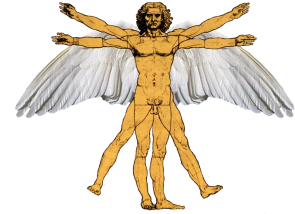
Analisar esse recuo, observar como essa retirada de fato questiona seus valores é o desafio da leitura de textos que dialogam a partir do referencial de uma identidade em transformação, mas que procura uma estabilidade consoladora do espírito. O paradoxo que pode emergir é o da não percepção das inviabilidades que estão presentes em qualquer manifestação literária, estruturando-se, assim, em uma *retirada estratégica* com o fim único de fortalecer as ideologias. O clima de tensão deve ser mantido para que a reflexão aconteça em nome de ideologias mais humanitárias, evitando, assim, as visões totalitárias e

¹⁸ ADORNO, Theodor. **Notas de literatura**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1991. p. 55

¹⁹ BERND, Zilá. Identidade. In: _____. **Literatura e identidade nacional**. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 1992. p. 16.

²⁰ RAMA, Ángel. Os processos de transculturação na narrativa latino-americana. In: VASCONCELOS, Sandra Guardini T.; AGUIAR, Flávio Wolf de. **ÁNGEL RAMA: Literatura e Cultura na América Latina**. São Paulo: Edusp, 210-211.

²¹ Ibidem. p. 214.



os modelos literários que atuam – não raras vezes - como elementos reducionistas das diversas culturas que permeiam a sociedade.

Nas **Passagens**, Benjamin aponta para uma “pequena proposta metodológica para a dialética da história cultural” na qual estabelece uma relação muito próxima da dialética negativa²² de Adorno de que é necessário ver de uma forma dialeticamente negativa para que as contradições surjam. Segundo Adorno, as contradições não existem simplesmente na sociedade, elas surgem do processo de observação, dos enfrentamentos com valores não questionados até o momento.

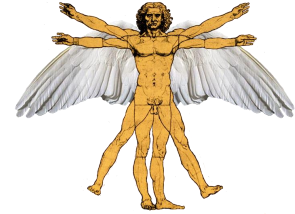
É muito fácil estabelecer dicotomias para cada época, em seus diferentes “domínios”, segundo determinados pontos de vista: de um modo a ter, de um lado, a parte “fértil”, “auspiciosa”, “viva” e “positiva”, e de outro, a parte inútil, atrasada e morta de cada época. Com efeito, os contornos da parte positiva só se realçarão nitidamente se ela for devidamente delimitada em relação à parte negativa. Toda negação, por sua vez, tem o seu valor apenas como pano de fundo para os contornos do vivo, do positivo. Por isso, é de importância decisiva aplicar novamente uma divisão a esta parte negativa, inicialmente excluída, de modo que a mudança de ângulo de visão (mas não de critérios!) faça surgir novamente, nela também, um elemento positivo e diferente daquele anteriormente especificado. E assim por diante *ad infinitum*, até que todo o passado seja recolhido no presente em uma apocatástase histórica.²³

E é assim que a literatura regional necessita ser percebida: do confronto dos seus valores com o processo de construção de novas identidades e projetos sócio-culturais até o devido reconhecimento de que qualquer produção literária compõe a história cultural. Dessa forma, a tensão que o regionalismo estabelece entre tema e linguagem, segundo Candido, deve ser entendida e percebida de maneira clara dentro do contexto de expressão e representação cultural, porque “se torna um instrumento poderoso de transformação da língua e de revelação e autoconsciência do país; mas pode ser também fator de artificialidade na língua e de alienação no plano de conhecimento do país”²⁴.

²² ADORNO, Theodor. **Negative Dialectics**. New York: Continuum, 1983.

²³ BENJAMIN, Walter. **Passagens**. Belo Horizonte; São Paulo: Ed. UFMG; Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006. p. 501.

²⁴ CANDIDO, Antonio. A literatura e a formação do homem. In: _____. **Textos de intervenção**. Seleção, apresentação e notas: Vinícius Dantas. São Paulo: duas Cidades; Ed. 34, 2002. p. 87.



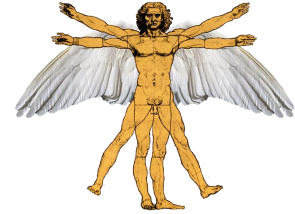
A **Oralidade**, último elemento a compor a alegoria que embasa este projeto, se relaciona com dois fatores: o primeiro decorre diretamente da relação com a regionalidade literária, dos elementos oriundos de culturas predominantemente orais em um processo de formação identitária com base na tradição e nos valores locais e das relações com outras regionalidades. O segundo se ampara na presença de *sujeitos migrantes* que se relacionam (levando-se sempre em consideração as relações de poder e a tentativa de anulação dialética decorrente desse processo) entre si em uma nova realidade na qual introduzem e mantêm suas tradições e costumes. É necessário também não perder de vista as relações com outros grupos locais que tentam manter elementos de sua cultura em um clima de assimilação/enfrentamento. As etnias subjugadas – em especial a escravidão indígena e negra nas Américas – também sofreram com a tentativa de apagamento de sua cultura, que sobreviveu graças à tradição oral. Cornejo Polar comenta a respeito da situação do indigenismo da seguinte maneira:

É indispensável destacar, num primeiro momento, a fratura entre o universo indígena e sua representação indigenista. (...) esta cisão indica a existência de um novo caso de literatura heterogênea, em que as instâncias de produção, realização textual e consumo pertencem a um universo sociocultural, e o referente, a outro diverso. Esta heterogeneidade ganha relevo no indigenismo, na medida em que ambos os universos não aparecem justapostos, mas em contenda, e enquanto o segundo, o universo indígena, costuma mostrar-se, precisamente, em função de suas peculiaridades distintas.²⁵

A existência de, no mínimo, dois lados pode ser percebida nas relações sócio-culturais que apontam também para uma situação de resistência a um modelo colonizador e opressor ao longo da história. Edward Said fala sobre resistência e oposição no contexto de várias identidades nacionais e de como três grandes temas surgem na resistência cultural descolonizante:

Um, é claro, é a insistência sobre o direito de ver a história da humanidade como um todo coerente e integral. Devolver a nação aprisionada a si mesma. (...) O conceito de língua nacional é fundamental, mas, sem a prática de uma cultura nacional – das palavras de ordem aos panfletos e jornais, dos contos

²⁵ POLAR, Cornejo. O indigenismo e as literaturas heterogêneas: seu duplo estatuto social. In: _____. **O condor voa:** literatura e cultura latino-americanas. Organização: Mario Valdés. Tradução: Ilka Valle de Carvalho. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2000. p. 169.



folclóricos aos heróis e à poesia épica, aos romances e ao teatro – a língua é inerte. (...) em segundo lugar está a idéia de que a resistência, longe de ser uma simples reação ao imperialismo, é um modo alternativo de conceber a história humana. Particularmente importante é ver em que medida essa reconcepção alternativa está baseada em uma ruptura das barreiras entre culturas. (...) em terceiro lugar, há um visível afastamento do nacionalismo separatista em direção a uma visão mais integrativa da comunidade humana e da libertação humana.²⁶

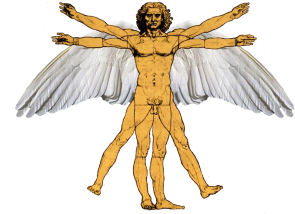
Partindo dessa visão diacrônica entre cor local e discurso de resistência e oposição, procura-se reconhecer que a oralidade não se restringe à mera vocalização do discurso verbal. Esta, segundo Lienhard²⁷ se traduz em mais de um elemento, envolvendo vários fatores que remetem à expressão, envolvendo os demais sentidos na tentativa de captar toda a dinâmica expressiva, pois a “alma, o olho e a mão estão assim inscritos no mesmo campo. Interagindo, eles definem uma prática.”²⁸.

Mesmo reconhecendo que a Oralidade se aproxima das práticas letradas, essa possui características que necessita de abordagens específicas para que ela não seja reduzida unicamente ao paradigma da escrita formal. É preciso interpretar suas manifestações como sendo uma “tradição viva”, pois não há uma limitação a contos e lendas – a tradição oral é um conhecimento de toda a cultura e sua identidade. Na África, quando um velho morre é uma biblioteca que queima... o respeito à tradição e ao conhecimento acumulado durante a vida evidencia uma outra forma de comunidade. Assim, viver é participar, enquanto que transmitir uma cultura, um saber, é questão de sobrevivência. No caso do Brasil, no período da escravidão, quase não havia velhos, não sendo aplicável – no seu sentido original – essa tradição na realidade brasileira. Enquanto que na África a oralidade estava atrelada a sobrevivência de uma comunidade, no Brasil – e na América – se tratava de uma questão de sobrevivência individual. O horror da escravidão só pode ser entendido – nunca compreendido – a partir dos testemunhos culturais trazidos pela tradição da cultura oral dos diversos povos explorados e subjugados.

²⁶ SAID, Edward. **Cultura e Imperialismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. p. 273-274.

²⁷ LIENHARD, Martín. Oralidad. In: **Revista de Crítica Literaria Latinoamericana** – Documentos de Trabajo: Jornadas Andinas de Literatura Latinoamericana. Lima-Berkeley, 2º semestre de 1994, p. 371-374.

²⁸ BENJAMIN, Walter. O narrador. In: _____. **Magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 1985. p. 220.



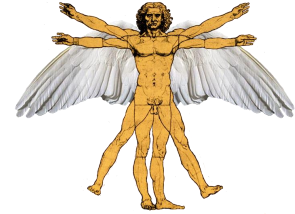
E essa proposta evidencia o reconhecimento desse jugo e dessa opressão na formação das nacionalidades americanas e nas práticas racistas que permanecem ainda na atualidade.

A elaboração de uma crítica que tenta aceitar a “derrota”²⁹, discutir suas limitações e partilhar experiências que possam contribuir com o próprio processo crítico – através dos *insights* advindos da Teoria Crítica da Sociedade – se evidencia como o principal embasamento. Assim, os **Procedimentos Metodológicos**, visando a articulação com os pressupostos teórico-críticos apresentados, vislumbram não apenas *objetos* de pesquisa, mas *sujeitos* visto que a literatura – seja escrita ou oral – se constitui em um espaço onde as identidades transitam em nome de determinada cultura ou ideologia. Quando, então, se estabelece essa forma de pensar as manifestações literárias, também se atrela a percepção do local de origem e de destino no qual esses *sujeitos migrantes* estão em um permanente processo de identificação. Pode-se pensar, nessa perspectiva, que o texto literário, pelo fato de a palavra que o compõe ser polissêmica, adquire essa contestação identitária mesmo dentro de aspectos de exaltação e valorização de determinada cultura.

Dessa forma, foram estruturadas quatro linhas de pesquisa para organizar os trabalhos e as propostas mais pontuais a serem desenvolvidas pelos pesquisadores que integram o GRPesq ÍCARO:

Literatura e Crítica Social: Estudo da obra literária através de sua relação com outras obras, sistemas literários e espaços geográfico-culturais. A base teórica dessa linha evidencia o aspecto da Teoria Crítica da Sociedade e também sua relação com outras teorias preocupadas em discutir temas como preconceito, discriminação e racismo,

²⁹ A “derrota” aqui apresentada faz referência ao texto de Idelber Avelar. “Pois, se a literatura já não pode ser a redenção substitutiva em que a ontologia otimista e positiva do boom quis convertê-la, também pode ser, por outro lado, demasiado cedo para render-se ao discurso apocalíptico, pronunciar sentenças de morte sobre o literário e começar a buscar objetos substitutórios sobre os quais aplicar o mesmo otimismo positivo. Pois esses continuariam sendo, apesar de toda a euforia, objetos de uma *substituição compulsiva*, isto é, de uma neurose ainda ignorante de si mesma. Só instrumentalizariam, uma vez mais, a vontade de eludir a derrota, a renúncia a aceitá-la e pensar a partir dela que constituía, para Benjamin, o crime mais hediondo que se podia cometer contra a memória dos mortos”. (AVELAR, Idelber. Alegoria e pós-ditadura. In: _____. **Alegorias da Derrota:** a ficção pós-ditatorial e o trabalho de luto na América Latina. Belo Horizonte: UFMG, 2002. p. 33).



relacionando a crítica literária com elementos que denotam aspectos vinculados aos direitos humanos e cidadania.

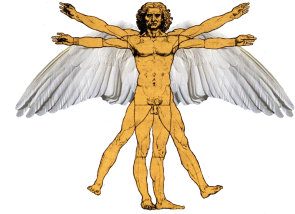
Literatura e Estudos Regionais, Culturais e Interculturais: Partindo de uma discussão sobre o conceito de regionalidade (em complementação à noção de regionalismo literário), pretende-se evidenciar outras possibilidades interpretativas – abordando as mais variadas noções do que se entende por cultura – das possíveis contradições sobre temas relacionados com a identidade e com as condições sócio-históricas de produção de textos literários.

Formação cultural e ensino de literatura: Esta linha de pesquisa se pauta na reflexão sobre condições de interpretação, dentro de perspectivas ligadas à Hermenêutica e à Filosofia da Educação, e em reflexões relacionadas com as condições de recepção de textos literários. Dessa forma, o conceito de *formação (Bildung)*, tomado desde a conceituação de Hegel, e investigado em suas formulações no pensamento do século XX, torna-se base para estas discussões.

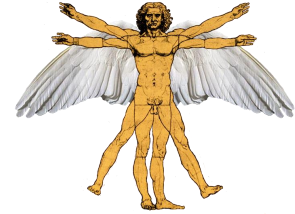
Literatura e cinema: Fomentada pelas recorrentes discussões acerca das traduções/adaptações cinematográficas de enredos literários, essa linha de pesquisa visa compreender a dinâmica dessas narrativas, bem como as manifestações dos narradores, dos personagens, do ambiente, do tempo e do espaço, oriundas desse processo adaptativo.

BIBLIOGRAFIA:

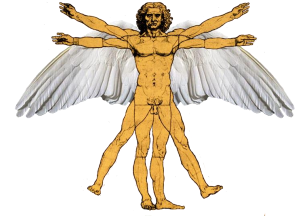
- ADORNO, Theodor. **La ideología como lenguaje.** Versión castellana: Justo Pérez Corral. 2. ed. Madrid: Taurus, 1982.
- _____. **Negative Dialectics.** New York: Continuum, 1983.
- _____. Educação após Auschwitz. In: _____. **Sociologia.** São Paulo: Ática, 1986.
- _____. **Teoria estética.** Tradução: Artur Morão. Lisboa: Martins Fontes, 1988.
- _____. **Notas de literatura.** Tradução: Celeste Aída Galeão e Idalina Azevedo da Silva. 2. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1991.
- _____. **Mínima Moralía.** Reflexões a partir da vida danificada. Tradução: Luiz Eduardo Bicca. São Paulo: Ática, 1992.



- ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. **Dialética do Esclarecimento**. 3. ed. Tradução: Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Zahar, 1991
- AVELAR, Idelber. Alegoria e pós-ditadura. In: _____. **Alegorias da Derrota: a ficção pós-ditatorial e o trabalho de luto na América Latina**. Belo Horizonte: UFMG, 2002.
- BAKHTIN, Mikhail. **Questões de Literatura e Estética**. Tradução: Aurora Fornoni et al. 3. ed. São Paulo: UNESP, 1993.
- _____. **Marxismo e filosofia da linguagem**. Tradução: Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 9. ed. São Paulo: Hucitec, 1999.
- BENJAMIN Walter, **Origem do drama barroco alemão**. Tradução, apresentação e notas: Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- _____. Sobre o conceito da história. In: _____. **Magia e técnica, arte e política**. 2. ed. Tradução: Paulo Sérgio Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- _____. O narrador. In: _____. **Magia e técnica, arte e política**. 2. ed. Tradução: Paulo Sérgio Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- _____. **Passagens**. Belo Horizonte; São Paulo: Ed. UFMG; Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006.
- BERND, Zilá. Identidade. In: _____. **Literatura e identidade nacional**. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 1992.
- BORNHEIM, Gerd. Conceito de tradição. In: **Cultura Brasileira: tradição/contradição**. Rio de Janeiro: Zahar, 1987, p. 15 –29.
- BOSI, Alfredo. Formações ideológicas na cultura brasileira. **Estudos Avançados**. São Paulo: USP- IEA, n.º 25, p. 275 – 293, set/dez, 1995.
- _____. **Literatura e resistência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- BURNS, E. Bradford. **The poverty of progress**. University of Califórnia Press: Berkeley, 1980.
- CANDIDO, Antonio. Censura-violência. In: _____. **Recortes**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- _____. **Literatura e sociedade**. 8. ed. São Paulo: T.A. Queiroz, 2000.
- _____. A literatura e a formação do homem. In: _____. **Textos de intervenção**. Seleção, apresentação e notas: Vinícius Dantas. São Paulo: duas Cidades; Ed. 34, 2002.
- CARVALHAL, Tânia Franco. **O Próprio e o Alheio**. São Leopoldo: Unisinos, 2003.
- CESAR, Guilhermino. **História da Literatura do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Globo, 1971.
- _____. **Notícia do Rio Grande**. Porto Alegre: IEL/UFRGS, 1994.
- COUTINHO, Eduardo F. & CARVALHAL, Tânia Franco (orgs.). **Literatura comparada: textos fundadores**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.



- FISCHER, Luís Augusto. **Um passado pela frente**. Porto Alegre: Universidade/UFRGS, 1992.
- FISCHER, Luís Augusto & Gonzaga, Sergius. (orgs.) **Nós os gaúchos**. 4. ed. Porto Alegre: UFRGS, 1998.
- HABERMAS, Jürgen. **Verdade e justificação**. Ensaios filosóficos. Tradução: Milton Camargo Mota. São Paulo: Loyola, 2004.
- JAMESON, Fredric. **O inconsciente político**. Tradução: Valter Lellis Siqueira. São Paulo: Ática, 1992.
- LIENHARD, Martin. **La voz y su huella**. La Habana: Casa de Las Americas, 1990.
- _____. Oralidad. In: **Revista de Crítica Literaria Latinoamericana** – Documentos de Trabajo: Jornadas Andinas de Literatura Latinoamericana. Lima-Berkeley, 2º semestre de 1994, p. 371-374.
- MAROBIN, Luiz. **A Literatura no Rio Grande do Sul. Aspectos temáticos e estéticos**. Porto Alegre: Martins Livreiro Editor, 1985.
- MARQUES, Reinaldo & BITTENCOURT, Gilda (orgs.). **Limiares e críticos**. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.
- MISSAC, Pierre. **Passagem de Walter Benjamin**. São Paulo: Iluminuras, 1998.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1990.
- POLAR, Cornejo. O indigenismo e as literaturas heterogêneas: seu duplo estatuto social. In: _____. **O condor voa: literatura e cultura latino-americanas**. Organização: Mario Valdés. Tradução: Ilka Valle de Carvalho. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2000.
- RAMA, Ángel. Os processos de transculturação na narrativa latino-americana. In: VASCONCELOS, Sandra Guardini T.; AGUIAR, Flávio Wolf de (orgs.). **ÁNGEL RAMA: Literatura e Cultura na América Latina**. São Paulo: Edusp,
- SAID, Edward. **Cultura e Imperialismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- SCHÜLER, Donaldo. **A poesia no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.
- SCHWARTZMAN, Simon. **Bases do autoritarismo brasileiro**. 3 ed. Rio de Janeiro: Campus, 1988.
- SEGATTO, José Antônio & BALDAN, Ude (orgs.). **Sociedade e Literatura no Brasil**. São Paulo: Unesp, 1999.
- SELIGMANN-SILVA, Márcio. A história como trauma. **Pulsional. Revista de Psicanálise**. São Paulo: Escuta, dez/jan 1998/99. n.116/117.
- TARGA, Luiz Roberto (org.). **Breve inventário de temas do sul**. Porto Alegre: UFRGS/UNIVATES/FEE, 1998.
- XAVIER, Ismail. **Alegoria, Modernidade, nacionalismo**. MEC/Funarte, 1984.



ZILBERMAN, Regina. **A Literatura no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980.

_____. **Literatura gaúcha : temas e figuras da ficção e da poesia do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre : L&PM , 1985.

_____. **Estética da recepção e história da Literatura**. São Paulo: Ática, 1989.

_____. **Roteiro de uma Literatura singular**. Porto Alegre: UFRGS, 1992.

ZIZEK, Slavoj (org.). **Um mapa da ideologia**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.